

# SIGNO E IDEOLOGIA: A CONTRIBUIÇÃO BAKHTINIANA PARA A FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Maristela Kirst de Lima Girola\*

**RESUMO:** Esta resenha tem por objetivo apresentar uma síntese de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin. A obra propõe um método marxista de estudo da linguagem, enfatizando os aspectos sociais e ideológicos da enunciação cotidiana ou artística.

**Palavras-chave:** Língua, Signo, Ideologia, Enunciação

Esta resenha tem por objetivo apresentar sinteticamente as principais ideias discutidas por Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra publicada entre 1929 e 1930, em Leningrado, sob a assinatura de V. N. Volochínov, discípulo, amigo e admirador do teórico russo. Na obra, Bakhtin propõe uma nova filosofia da linguagem, a partir de um método marxista de estudo dos problemas da língua. Para ele, as bases de uma teoria marxista da criação ideológica estariam estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem.

Tudo o que é ideológico, segundo Bakhtin, possui um significado e remete a algo que está situado fora de si mesmo. Assim, tudo o que é ideológico pode ser chamado de signo. Sem os signos não há ideologia. Um objeto físico converte-se em signo, quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida uma outra realida-

---

Doutoranda da PUCRS.

de. Todo instrumento de produção pode se revestir de um sentido ideológico. É o caso, por exemplo, do que ocorreu com a foice e o martelo, no emblema da antiga União Soviética. Mas o instrumento enquanto tal não se torna signo e o signo enquanto tal não se torna instrumento de produção.

Um produto de consumo também pode ser transformado em signo ideológico. O pão e o vinho, no sacramento cristão, por exemplo, exercem essa função. Mas o produto enquanto tal não é um signo. Paralelamente aos fenômenos naturais, ao material tecnológico e aos produtos de consumo, existe um universo particular que é o universo dos signos. O signo apresenta uma dupla natureza, pois, ao mesmo tempo em que existe como parte de uma realidade, ele reflete uma outra realidade. O signo ideológico é concomitantemente reflexo da realidade e fragmento material dessa realidade. O signo tem uma encarnação material, ou seja, é um fenômeno do mundo exterior e, dessa forma, a sua natureza é objetiva. Os efeitos do signo se fazem sentir na experiência exterior.

O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos, isto é, são correspondentes. Bakhtin critica o idealismo e o psicologismo que situam a ideologia na consciência, esquecendo que a própria compreensão só pode manifestar-se através de um material semiótico, ou, em outras palavras, pelo discurso interior: “A própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN, 1995: 33). A compreensão pode ser entendida como o movimento de aproximar o signo de outros signos já conhecidos, sendo uma resposta a um signo por meio de outros signos.

Os signos só emergem do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. Enfim, por meio da interação social. O ideológico tem lugar no material social particular de signos criados pelo homem. Situa-se entre indivíduos organizados, constituindo o meio de sua comunicação. Assim, os signos pressupõem um terreno interindividual, desde que se trate de indivíduos socialmente organizados que

formem um grupo, uma unidade social. Para Bakhtin, a consciência individual é um fator socioideológico.

O teórico russo não aceita a ideia de consciência como depósito de todos os problemas filosóficos não resolvidos. Para ele, a única definição objetiva possível de consciência é de ordem sociológica. Os signos são o alimento da consciência individual.

A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A existência do signo é a materialização da comunicação social. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência e o modo mais puro e sensível da relação social. É ainda um signo neutro, porque se mantém neutra em relação a qualquer função ideológica específica, mas acompanha os fenômenos ideológicos (um quadro, um ritual etc...). Já o signo é criado por uma função ideológica precisa e permanece nela. O material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra. Nesse domínio, a conversação e suas formas discursivas se situam.

A palavra é também o material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior). É um material flexível e veiculável pelo corpo. A palavra é utilizável como signo interior e pode funcionar como signo sem expressão externa. Para Bakhtin, a consciência individual é a palavra interior. A teoria bakhtiniana se afasta da Lingüística tradicional ao ver o signo como o signo social.

Todas as manifestações de criação ideológica e todos os signos não verbais banham-se no discurso. Entretanto, isso não significa que a palavra possa suplantear qualquer outro signo ideológico. Mas os signos apoiam-se nas palavras. Um signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, não fica isolado, torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. Para Bakhtin, a palavra possui cinco propriedades que fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias: pureza semiótica, neutralidade ideológica, impli-

cação na comunicação humana ordinária, possibilidade de interiorização e presença em todo ato consciente.

O método sociológico marxista só dará conta de todas as sutilezas das estruturas sociológicas, segundo Bakhtin, a partir da filosofia da linguagem como filosofia do signo ideológico. A determinação da ideologia pela infraestrutura, ou seja, pela realidade, apontada por uma causalidade mecanicista não é aceita por Bakhtin, que propõe uma nova questão: Como a realidade ou infraestrutura determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação? A palavra, segundo ele, como signo ideológico, pode orientar o problema. A palavra penetra nas relações dos indivíduos (nas de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros cotidianos, nas de caráter político) e é indicadora das transformações sociais que ainda se encontram em processo: “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1995: 41).

Para o entendimento da relação entre a sociedade e o signo e suas mútuas implicações, Bakhtin recorre ao conceito de “psicologia do corpo social” que, segundo a teoria marxista, consiste em um elo entre a estrutura sóciopolítica e a ideologia, que se materializa sob a forma de interação verbal. A psicologia do corpo social não é um conceito metafísico, não se situa no interior dos indivíduos. Pelo contrário, ela está na troca, na palavra, no gesto. Ela constitui-se em meio ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie, manifesta-se nos mais diversos aspectos da enunciação, sob a forma de diferentes modos de discursos, isto é, a psicologia do corpo social se dá sob a forma de interação verbal, num processo de comunicação. As relações de produção e a estrutura sóciopolítica determinam os possíveis contatos verbais entre os indivíduos. Da comunicação verbal (condições, formas e tipos) derivam as formas e os temas dos atos de fala.

A psicologia do corpo social abriga todas as formas e aspectos da criação ideológica e deve ser estudada de duas

maneiras. A primeira e mais empregada é o estudo do conteúdo, ou seja, dos temas. A segunda é a análise dos tipos e formas de discurso (como os temas são pensados), isto é, o estudo das formas materiais da expressão da psicologia do corpo social, no contexto da vida e através de signos: “Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (BAKHTIN, 1995: 43). A cada forma corresponde um grupo de temas. A classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal.

A organização hierarquizada da sociedade e de suas relações sociais exerce poderosa influência sobre as formas de enunciação. As formas do signo são condicionadas pela organização social dos indivíduos e pelas condições em que a interação acontece. Há uma evolução social do signo, por um processo dialético do ser no signo. Para o estudo da evolução social do signo linguístico, Bakhtin propõe algumas regras metodológicas: Não separar a ideologia da realidade material do signo; não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social e não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura).

O signo ideológico e o signo linguístico são marcados pelo horizonte social. Os objetos valorizados, ou seja, aqueles que recebem a atenção do grupo social, darão origem aos signos, como uma reação semiótica ideológica. Os signos, portanto, são ligados às condições sócioeconômicas do grupo social e possuem uma significação interindividual e um valor social.

A realidade que dá origem à formação de um signo é designada por Bakhtin como “tema do signo”. Cada manifestação verbal tem seu tema. O tema ideológico possui um índice de valor social; em outras palavras, o índice de valor é interindividual. O tema e a forma do signo ideológico são indissociáveis e têm uma origem comum, constituem duas facetas de uma mesma coisa e manifestam-se no plano da palavra.

A palavra reflete as mais imperceptíveis alterações da existência social. A luta de classes ocorre como confronto de

interesses sociais nos limites de uma única comunidade semiótica, isto é, classes sociais diferentes servem-se da mesma língua. Em todo signo ideológico, confrontam-se índices de valor contraditórios. Dessa forma, Bakhtin entende o signo como a arena para a luta de classes. É a luta que o torna capaz de evolução e o mantém vivo e dinâmico. A classe dominante procura tornar o signo monovalente, mas todo signo ideológico vivo tem duas faces. Há uma dialética interna do signo que se revela nas épocas de crise social. Nas condições habituais da vida social, a dialética interna do signo permanece latente.

Bakhtin discorda da conceituação de ideologia proposta pela psicologia interpretativa, rebatendo as idéias de Dilthey e de seus seguidores, que não dão conta do caráter social do signo. A relação entre atividade mental e palavra, em Dilthey, não passa de uma analogia, destinada a esclarecer uma ideia. O signo só se torna signo, em Dilthey, à medida que serve para expressar a vida interior. Assim, a corrente idealista priva de todo sentido, de toda significação, o mundo material.

Para Bakhtin, o signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente. A atividade mental tem um sentido, se ela pode ser entendida e analisada por intermédio do signo real e tangível. A função expressiva não pode ser separada da atividade mental sem que se altere a sua própria natureza. Isso significa que a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda de signos e, para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos, pois fora do material semiótico não existe atividade interior. Toda atividade mental é exprimível, tem potencial para tal:

Se não nos voltássemos para a função semiótica do discurso interior e para todos os outros movimentos expressivos que formam o psiquismo, nós estaríamos diante de um processo fisiológico puro. (BAKHTIN, 1995: 52)

Mesmo o fisiólogo ou o biólogo devem levar em conta a função semiótica expressiva, como função social, já que o organismo humano não pertence a um meio natural abstrato.

A psicologia funcionalista também se formou sobre as bases do idealismo. Porém, em vários aspectos mostra-se oposta à psicologia interpretativa de Dilthey, porque, ao contrário desta, considera que a ideologia tem primazia sobre o psiquismo. Mas não consegue dar conta da realidade ideológica, oscilando entre um psicologismo espontaneísta e um antipsicologismo agudo.

Bakhtin defende que somente a filosofia do signo, da palavra como signo ideológico por excelência, poderá tratar tanto do psiquismo quanto da ideologia. Para ele, não há fronteira entre o psiquismo e a ideologia, “há apenas uma diferença de grau: no estágio do desenvolvimento interior, o elemento ideológico, ainda não exteriorizado sob a forma de material ideológico, é apenas um elemento confuso” (BAKHTIN, 1995: 57). O que complica o problema de delimitação entre o psíquico e o ideológico é o conceito de “individual”. Não se pode considerar que o psiquismo seja individual e que somente a ideologia seja social:

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. Esta é a razão porque o conteúdo do psiquismo ‘individual’ é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior. (BAKHTIN, 1995: 58)

Para evitar mal entendidos, o teórico russo ainda apresenta duas acepções para o termo “individualidade”. Há o indivíduo natural isolado, não associado ao mundo social, tal como conhece e estuda o biólogo, e a individualidade, como

conceito que apresenta uma superestrutura ideológica semiótica, que se coloca acima do indivíduo natural e é, por consequência, social. Enfim, a individualidade pode designar o indivíduo natural ou a personalidade. Bakhtin adota o sentido ideológico do termo (a segunda acepção) e entende, portanto, que todo signo, inclusive o da individualidade, é social.

Todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se na consciência, no psiquismo, por meio de um sistema ideológico de conhecimento. Mas o pensamento também pertence ao sistema do psiquismo individual, cujo caráter único não é determinado somente pela unicidade do organismo biológico em questão, mas pela totalidade das condições vitais e sociais em que o organismo se encontra. O psicólogo se interessará pelas condições específicas deste pensamento, já o ideólogo só se interessará por ele se estiver inscrito de maneira objetiva no sistema de conhecimento.

Dessa forma, pode haver uma abordagem em direção ao sujeito ou à ideologia, ou seja, a enunciação pode ser relacionada a um contexto interior para uma compreensão puramente psicológica ou apontar para o exterior, requerendo uma compreensão ideológica, objetiva e concreta. É assim que Bakhtin delimita o psíquico e o ideológico. Entretanto, o próprio Bakhtin explicita que é impossível traçar uma fronteira rígida entre a introspecção e a observação exterior, pois a compreensão dos signos internos se dá sempre em ligação com a situação em que eles tomam forma, a partir dos fatos da experiência exterior, que esclarece o signo interior. A situação é sempre uma situação social. O psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais:

O signo ideológico tem vida na medida em que se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico. A atividade psíquica é uma passagem do interior para o exterior; para o signo ideológico, o processo é inverso. O psíquico goza de extraterritorialidade em relação ao organismo. É o social infiltrado no organismo do

indivíduo. E tudo que é ideológico é extraterritorial no domínio sócioeconômico, pois o signo ideológico, situado fora do organismo, deve penetrar no mundo interior para realizar sua natureza semiótica. (BAKHTIN, 1995: 64)

No que tange à língua, à fala e à enunciação, Bakhtin compara duas correntes do estruturalismo linguístico: o simbolismo individualista, tendo como um de seus notórios representantes Wilhelm Humboldt e o objetivismo abstrato, que deriva de Ferdinand Saussure. A primeira tendência interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua. As leis da criação linguística são as leis da psicologia individual. Ao linguista cabe preparar a explicação do fato linguístico como proveniente de um ato de criação individual ou, então, servir a finalidades práticas de aquisição de uma língua dada.

Já a segunda orientação do pensamento linguístico tem como centro organizador de todos os fatos da língua o sistema linguístico, ou seja, o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Em cada enunciação, encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações. Esses traços idênticos são considerados normativos para os locutores de uma mesma comunidade. Para Saussure, “é indispensável partir da língua como sistema de formas cuja identidade se refira a uma norma e esclarecer todos os fatos da linguagem com referência a suas formas estáveis e autônomas” (BAKHTIN, 1995: 86).

Bakhtin expõe as falhas das duas correntes linguísticas. Sobre o objetivismo abstrato, ele afirma que entender a língua como sistema de normas imutáveis e incontestáveis com existência objetiva é um grave erro. A consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como de um sistema de formas normativas. Tal sistema é uma mera abstração. O sistema linguístico é produto de uma reflexão acerca da língua. Para o locutor, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova signi-

ficação que essa forma adquire no contexto. Tanto para o locutor quanto para o receptor, a forma linguística não tem importância enquanto signo estável e sempre igual a si mesmo, mas como signo sempre variável e flexível.

A compreensão não deve ser confundida com a identificação. Por isso, o teórico russo distingue sinal e signo. O primeiro é identificado, consiste em uma entidade imutável, funciona como instrumento técnico para designar objetos ou acontecimentos. Assim, não pertence ao domínio da ideologia. Já o signo é decodificado, ou seja, é compreendido. Uma forma linguística, quando apenas sinal, não apresenta para o receptor nenhum valor linguístico. O elemento que torna a forma linguística um signo não é a sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica. Na língua materna, o sinal e o reconhecimento estão apagados. Na assimilação de uma língua estrangeira, sente-se a “sinalidade” a língua ainda não se tornou língua. A assimilação ideal de uma língua se dá quando o sinal é completamente absorvido pelo signo.

A consciência linguística do locutor e a do receptor ligam-se à linguagem no sentido de conjunto de contextos possíveis de uso de cada forma particular e não como sistema abstrato de normas. Para o homem contemporâneo, a significação normativa só é associada à expressão escrita. A consciência linguística dos falantes não tem o que fazer com a língua enquanto tal. É necessário um contexto ideológico preciso: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1995: 95). Compreendemos e reagimos às palavras que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. Portanto, a separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato: “Importa-nos menos a correção da enunciação do que seu valor de verdade ou de mentira, seu caráter poético ou vulgar” (BAKHTIN, 1995: 96).

A Linguística surgiu a partir da Filologia, que tinha como objeto línguas mortas e é insuficiente para o estudo da fala viva, com sua evolução permanente. Mesmo as enunciações

monológicas petrificadas (na escrita, nos monumentos) constituem elemento de comunicação verbal. Mesmo immobilizada pela escrita, é resposta a algo, é um elo na cadeia dos atos de fala e é a prolongação das inscrições que a precederam:

Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAKHTIN, 1995: 98)

O filólogo não lhe aplica uma compreensão ideológica ativa. Bakhtin combate a concepção de compreensão como ato passivo, ou seja, a compreensão que exclua de antemão qualquer possibilidade de réplica ativa. Ele também se opõe à percepção do signo como objeto-sinal, em que o reconhecimento predomina sobre a compreensão. O pensamento linguístico também foi marcado pelas necessidades do ensino das línguas, da transmissão escolar. Além disso, sofreu a influência da tradição de decifrar as escrituras sagradas, tarefa dos sacerdotes, aqueles que dispõem da palavra. Bakhtin aproxima a figura do sacerdote à do filólogo.

A Linguística e a Filologia se voltam para a palavra estrangeira que exerceu imenso papel ideológico, numa carreira ditatorial e geradora de cultura. A palavra estrangeira serviu de veículo da civilização, da cultura, da religião e da organização política. Seu papel organizador transporta forças e estruturas estrangeiras, funde-se na consciência histórica dos povos, com a ideia de poder, de força, de santidade e de verdade. As categorias provenientes da palavra estrangeira serviram de base ao objetivismo abstrato.

Essa reflexão linguística de caráter formal-sistemático adotou em relação às línguas vivas uma posição conservadora e acadêmica, tratando-as como algo acabado e hostilizando as inovações linguísticas. Em oposição, Bakhtin propõe uma abordagem histórica e viva da língua. Ele busca demonstrar que muito se perde com uma Linguística que está voltada

para o estudo da enunciação monológica isolada, numa atitude de compreensão passiva. É preciso analisar todas as relações que ultrapassam os limites da enunciação monológica, ou seja, considerar os problemas da “política externa” da enunciação.

A Linguística tradicional isola as formas linguísticas do todo dinâmico da fala. A história da língua torna-se a história das formas linguísticas separadas (fonética, morfologia etc.) que se desenvolvem independentemente do sistema como um todo e sem qualquer referência à enunciação concreta. Mesmo quando o filólogo-linguista alinha os contextos possíveis de uma palavra dada, ele acentua o fator de conformidade à norma. Para o objetivismo abstrato, a língua, como produto acabado, como língua morta ou estrangeira, transmite-se de geração a geração, fora do fluxo da comunicação verbal. Na visão bakhtiniana, a língua não se transmite, ela dura e perdura num processo evolutivo contínuo. Por isso, Bakhtin afirma que o objetivismo abstrato não sabe ligar a dimensão sincrônica da língua com sua evolução e não pode, portanto, servir de base para a compreensão e a explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos, ao ignorar a sua realidade evolutiva e suas funções sociais.

A enunciação é de natureza social. Assim, Bakhtin não só discorda do objetivismo abstrato, mas também do simbolismo individual, pois, em seu entendimento, a enunciação não pode de forma alguma ser considerada individual no sentido estrito do termo, isto é, não pode ser explicada a partir das condições psicofisiológicas do locutor. A enunciação é sempre o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. Mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor, um interlocutor ideal. O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio “em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações” (BAKHTIN, 1995: 113). Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o

auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica. Toda palavra apresenta duas faces, uma determinada pelo fato de que procede de alguém e outra determinada pelo fato de se dirigir a alguém.

A palavra, como signo, é retirada pelo locutor de “um estoque social de signos disponíveis” (BAKHTIN, 1995: 113). A realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. A individualização estilística é um reflexo da interrelação social. Para Bakhtin, o subjetivismo individualista está equivocado ao não compreender a natureza social da enunciação, tentando reduzi-la à expressão do mundo interior do locutor. Também se equivoca quando supõe ser possível deduzir o conteúdo ideológico das condições do psiquismo individual.

A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua e o diálogo, entendido em sentido amplo, é uma de suas formas mais importantes. Abrange não só a comunicação face a face, mas toda comunicação verbal e mesmo a fala impressa. O livro, por exemplo, é objeto de discussões ativas, comentado e criticado tanto no discurso interior como nas reações impressas (resenhas, críticas, artigos). O discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala.

Em síntese, Bakhtin propõe um novo ponto de vista para o estudo da linguagem. Em seu entendimento, a língua como sistema estável de formas idênticas não passa de uma abstração científica, que serve a certos fins teóricos e práticos. Tal abstração não pode dar conta de maneira adequada da realidade concreta da língua, que se constitui num processo ininterrupto de evolução, através da interação verbal social dos locutores. Mas as leis da evolução linguística não são as leis da psicologia individual, embora não possam ser dissociadas da atividade dos locutores. Para Bakhtin, as leis da evolução linguística são leis essencialmente sociológicas. A criatividade da língua não pode ser compreendida sem se

considerarem os conteúdos e os valores ideológicos que a ela se ligam. A estrutura da enunciação é uma estrutura necessariamente social.

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.